

**Primeiro Boletim Informativo do Meio Ambiente
AL 2019/2017**

O TEMPO teve acesso às 272 páginas da ação do MPF e inicia hoje série contando a tragédia



Distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, foi completamente destruído pela lama que desceu da barragem de Fundão; cerca de 600 pessoas moravam no local, e metade presenciou o desastre

PUBLICADO EM 01/11/16 - 03h00

**ALINE DINIZ*, BÁRBARA FERREIRA*, BERNARDO MIRANDA E LUCIENE CÂMARA
*ENVIADAS ESPECIAIS A BENTO RODRIGUES**

Mariana. As 272 páginas da denúncia do Ministério Público Federal (MPF) sobre a tragédia de Mariana, na região Central de Minas, revelam detalhes que vão além da responsabilização de 22 pessoas e quatro empresas pelos crimes praticados com o rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco. Os problemas da estrutura, quem sabia dos riscos, quais foram os impactos previstos estão no documento, a que O TEMPO teve acesso. Às vésperas de a tragédia completar um ano, os detalhes da ação começam a ser revelados em uma série de reportagens, que será publicada até o próximo domingo.

O TEMPO apresenta hoje os inéditos depoimentos dados ao MPF por quatro vítimas do desastre. Pessoas que viram de perto a lama levar um familiar, casas, carros e boa parte da vida. As declarações retratam o que cada um fazia quando a barragem de Fundão se rompeu, às 15h30 de uma quinta-feira, quando metade dos cerca de 600 moradores do distrito estava na pequena comunidade. A forma como tudo aconteceu, sem aviso, sem chance de escapar, dá a dimensão do que significou a invasão de uma onda avassaladora de 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos.

É como conta Marcelina, 76, que estava sozinha em casa quando ouviu um estrondo e, instantes depois, o grito da filha: “A lama está chegando!” Moradora de Bento Rodrigues, distrito de Mariana, ela sabia o que aquele aviso significava. Alguma barragem de rejeitos de minério da Samarco, a cerca de 6 km dali, teria se rompido.

Logo tratou de sair de casa, mas, sem imaginar o tamanho do que estava por vir, foi primeiro fechar as portas. Quando ela se deu conta do ocorrido, a lama a encontrou ainda no terreiro. Ali perto, Priscila, 29, e Wesley, 24, também só tiveram tempo de correr para a casa de vizinhos com os filhos nos braços. Darcy, 63, tentou se trancar com o neto no quarto achando que as paredes seriam suficientes para protegê-los.

Os quatro foram pegos de surpresa, não tiveram tempo de reagir, viram as casas desabando sobre si, foram arrastados pelo mar de resíduos, tiveram suas roupas arrancadas pela força da lama, seus corpos quase dilacerados, e sobreviveram para contar a história. São relatos de um 5 de novembro inimaginável, que resultou no maior desastre ambiental do país. Essas pessoas sentiram, literalmente, o gosto amargo do minério. Naquele dia, Darcy ouviu pela última vez o neto Thiago gritando “socorro, Jesus”, mas não conseguiu responder nem resgatar o menino porque estava com lama até acima do pescoço. Wesley viu a filha Emanuelle escapar entre seus dedos e desaparecer. Priscila não pôde nem conhecer o bebê que estava dentro de sua barriga quando ela foi arrastada pela correnteza e, imediatamente, começou a sangrar.

Para ela, não foram 19, mas sim 20 mortes. “Quatro pessoas tiveram lesões corporais graves, e 19 foram assassinadas. O laudo da Polícia Civil comprova a forma violenta como elas foram mortas. Todas morreram pela passagem da lama de rejeitos, tiveram seus corpos lançados contra objetos, mutilados e segmentados”, descreve o procurador da República Eduardo Santos de Oliveira.

As lembranças ainda são vivas, como se o dia 5 de novembro de 2015 nunca tivesse acabado. Bento Rodrigues virou ruína, e o rio Doce parece marcado para sempre por uma mancha escura de impurezas e tristeza.

Números da tragédia

Social: 19 mortos; 256 feridos, sendo quatro gravemente; 300 famílias desabrigadas; 424 mil pessoas sem água.

Material: 482 casas destruídas ou danificadas e R\$ 252 milhões de prejuízo em material privado.

Ambiental: 774 hectares de áreas de preservação devastadas.

Denunciadas: 21 pessoas denunciadas por homicídio com dolo eventual; uma denunciada por fraude em documento ambiental; quatro empresas denunciadas por crimes ambientais; nenhum preso.

ESPÍRITO SANTO

Atingidos iniciam marcha contra a impunidade

Integrantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) iniciaram ontem, em Regência, distrito de Linhares (ES), uma marcha para denunciar os estragos causados pela lama de rejeitos da mineradora Samarco. O protesto, batizado de “Um Ano de Lama e Luta”, conta com cerca de 300 pessoas, que seguirão, em sete ônibus, até Bento Rodrigues, em Mariana, na região Central de Minas, local onde o maior desastre socioambiental da história do Brasil teve início.

“Temos atingidos de vários locais do país que vieram para Regência iniciar essa marcha e protestar contra a impunidade em relação aos responsáveis por essa catástrofe. Até

hoje pouco foi feito para se recuperar os estragos causados pela lama”, disse Eloá Magalhães, 21, do MAB.

A expectativa do grupo é chegar a Mariana na noite de amanhã. Durante o percurso, eles farão duas paradas: em Governador Valadares, na região do Rio Doce, e em Ipatinga, no Vale do Aço, para ações nesses locais. O fim da marcha resultará no início do Encontro dos Atingidos da Bacia do Rio Doce que acontecerá até o dia 5 de novembro, quando se completará um ano do rompimento de Fundão. **(Ailton do Vale)**

FOTO: LINCON ZARBIETTI



Bento Rodrigues segue debaixo da lama

SAIBA MAIS

Vistoria. Uma equipe da Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil iniciou ontem uma vistoria técnica nos locais atingidos em Mariana. Ela tem o objetivo de avaliar as medidas adotadas pela Samarco para alertar e evacuar os locais no caso de novos desastres. Os trabalhos serão concluídos hoje.

Seminário. Acadêmicos de seis universidades (UFMG, Ufop, USP, UFRJ, UFBA e Ufes) começaram a discutir ontem com a população de Mariana os processos de recuperação do rio Doce, em um seminário promovido pelo Greenpeace. Os debates terminam hoje.

Referencia

www.otempo.com.br/cidades